



“Eu evito falar”: narrativas de meninas e mulheres com AH/SD e a exclusão na Matemática

Déborah Liz Rodrigues de Souza¹
Fernanda Malinosky Coelho da Rosa²

Resumo do trabalho: Este artigo deriva de uma dissertação de mestrado que investigou o percurso de formação e inclusão de estudantes com Altas Habilidades ou Superdotação (AH/SD) no ensino superior, focalizando, neste recorte, as experiências de meninas e mulheres. O estudo tem como objetivo compreender como essas estudantes vivenciam processos de reconhecimento, pertencimento e exclusão em suas trajetórias acadêmicas, especialmente no campo das ciências exatas, historicamente marcado por desigualdades de gênero. A pesquisa, de abordagem qualitativa e abordagem narrativa, fundamenta-se em entrevistas semiestruturadas, cujas narrativas foram analisadas à luz da Educação Matemática, dos estudos de gênero e da área de AH/SD. Adota-se a perspectiva de Clandinin e Connelly, compreendendo a narrativa como fenômeno e método, permitindo acessar os sentidos produzidos pelas participantes sobre suas experiências. Teoricamente, o estudo dialoga com a concepção de superdotação proposta por Renzulli, que a entende como a interseção entre habilidades acima da média, criatividade e envolvimento com a tarefa, além de considerar contribuições de autores brasileiros e documentos oficiais que reconhecem a pluralidade dessas manifestações. Os resultados evidenciam que, apesar de integrarem o público-alvo da Educação Especial, meninas e mulheres com AH/SD enfrentam processos de invisibilização, estereótipos e barreiras institucionais, intensificados por construções sociais que associam a Matemática a atributos masculinos. O estudo aponta para a necessidade de políticas e práticas educacionais que promovam equidade de gênero e valorizem a diversidade de talentos no ensino superior.

Palavras-chave: superdotação; inclusão; altas habilidades; gênero.

Introdução

Este artigo deriva de uma dissertação de mestrado que investigou o percurso de formação e inclusão de estudantes com Altas Habilidades ou Superdotação (AH/SD) no ensino superior. Foi realizado um recorte que dá origem a este artigo, voltado às experiências de meninas e mulheres que participaram da pesquisa. Foram feitas entrevistas, cujas narrativas foram analisadas à luz de referenciais da Educação Matemática e dos estudos de gênero, buscando compreender como

¹ Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). E-mail: debsliz2017@gmail.com.

² Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). E-mail: fernanda.malinosky@ufms.br.



essas estudantes vivenciam processos de reconhecimento, pertencimento e exclusão em suas trajetórias acadêmicas.

Embora estudantes com AH/SD integrem o público-alvo da Educação Especial, suas trajetórias são marcadas por invisibilização, estereótipos e barreiras que dificultam o reconhecimento de suas potencialidades e sua permanência nesses espaços. No caso das meninas e mulheres, tais desafios se intensificam, uma vez que a Matemática ainda é socialmente associada a atributos considerados masculinos, como racionalidade e objetividade, o que contribui para a produção de desigualdades de participação e pertencimento.

Assim, discutir a exclusão dessas estudantes implica analisar não apenas suas capacidades individuais, mas, sobretudo, os mecanismos sociais que limitam seu acesso, reconhecimento e desenvolvimento, evidenciando a necessidade de práticas e políticas educacionais comprometidas com a equidade de gênero e a valorização da diversidade de talentos. Neste recorte, interessa especialmente compreender como tais processos se manifestam na relação com a Matemática, área fortemente marcada por estereótipos de gênero.

Altas Habilidades/Superdotação: elementos conceituais

As Altas Habilidades ou Superdotação (AH/SD) muitas vezes são reduzidas ao alto desempenho acadêmico ou a escores elevados em testes de inteligência. Entretanto, essa concepção não dá conta de explicar a diversidade de formas pelas quais o potencial humano pode se manifestar.

Nesse sentido, uma das abordagens mais influentes nesse campo é a Teoria dos Três Anéis, proposta por Renzulli (1978), segundo a qual a superdotação manifesta-se na interseção entre três dimensões: habilidades acima da média, criatividade e envolvimento com a tarefa. As habilidades acima da média referem-se tanto a capacidades como raciocínio abstrato, memória e pensamento lógico, quanto a aptidões específicas em determinadas áreas do conhecimento. A



criatividade diz respeito à capacidade de produzir ideias originais, flexíveis e inovadoras, enquanto o envolvimento com a tarefa está relacionado à motivação, persistência, interesse e dedicação na realização de atividades. Nessa perspectiva, não basta possuir alta capacidade intelectual; é a interação entre esses três elementos que possibilita a manifestação do comportamento superdotado.

Figura 1. Teoria dos três anéis



Fonte – Renzulli (1978)

Descrição da imagem: A Figura 1 apresenta um diagrama com três círculos sobrepostos. Um representa capacidade acima da média, outro criatividade e o terceiro envolvimento na tarefa. No centro, onde os três se cruzam, está a superdotação, indicando que ela surge da combinação desses três fatores.

No contexto brasileiro, documentos oficiais, como a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (Brasil, 2008), reconhecem os estudantes com AH/SD como aqueles que demonstram potencial elevado em áreas como acadêmica, liderança, artes ou psicomotricidade, podendo ou não apresentar desempenho escolar superior. Além disso, a política enfatiza a necessidade de identificação e de oferta do Atendimento Educacional Especializado (AEE), com o objetivo de desenvolver as potencialidades desses estudantes e garantir sua permanência e participação no contexto escolar.



Autores como Virgolim (2007; 2014) reforçam que a superdotação deve ser compreendida em sua pluralidade, considerando aspectos cognitivos, emocionais e sociais, o que exige um olhar ampliado por parte da escola. Esse entendimento ampliado é especialmente importante quando se consideram meninas e mulheres, cujas manifestações de AH/SD tendem a ser menos reconhecidas por atravessamentos de gênero.

Metodologia

Este estudo insere-se no campo das pesquisas qualitativas, assumindo uma abordagem narrativa, na medida em que busca compreender as experiências vividas por estudantes com AH/SD em seus percursos formativos. Os dados analisados neste recorte foram produzidos por meio de entrevistas semiestruturadas realizadas no âmbito de uma pesquisa de mestrado já concluída, tomando suas narrativas como espaço privilegiado de produção de sentidos sobre suas trajetórias acadêmicas.

A perspectiva adotada fundamenta-se na pesquisa narrativa conforme proposta por Clandinin e Connelly (2000), que compreendem a narrativa tanto como fenômeno quanto como método de investigação. Nessa abordagem, a experiência é compreendida em sua temporalidade, em contextos específicos e nas relações com outros sujeitos, sendo organizada e expressa por meio das histórias que as pessoas contam sobre si mesmas.

Desse modo, a análise foi orientada pelo entendimento de que as narrativas das participantes não apenas descrevem acontecimentos, mas produzem significados sobre suas vivências, especialmente no que se refere aos processos de inclusão, exclusão e pertencimento no campo da Matemática.

O processo analítico envolveu leituras sucessivas das entrevistas, a seleção de excertos significativos e sua interpretação à luz dos referenciais teóricos da Educação Matemática, dos estudos de gênero e da área das Altas



Habilidades/Superdotação. Assim, buscou-se evidenciar não apenas o que é dito, mas como as experiências são construídas, narradas e ressignificadas pelas participantes ao longo de suas trajetórias. Neste artigo, foram selecionados excertos de participantes cujas narrativas evidenciam tensionamentos entre gênero, reconhecimento acadêmico e pertencimento no campo da Matemática.

Análise

As narrativas analisadas evidenciam que a mídia desempenha papel central na produção de uma imagem social restrita sobre as Altas Habilidades/Superdotação. Maria afirma: “[...] fica aquele negócio de mini gênios [...] não é só sobre isso [...] às vezes a gente tem alguém que é incrivelmente inteligente, mas nunca vai ter um dinheiro para chegar nesse programa.” (Souza, 2026, p. 58-59). Nesse cenário, o reconhecimento da AH/SD nem sempre se converte em visibilidade afirmativa; em muitos casos, ele produz reserva e silenciamento.

Larissa destaca: “[...] evito e falo só para quem tenho alguma intimidade.” (Souza, 2026, p. 96) Esse movimento de silenciamento pode ser interpretado através do conceito de microexclusões (Faustino et al., 2018), entendido como formas sutis, recorrentes e naturalizadas de exclusão, uma vez que o estigma social associado à superdotação, reforçado pela mídia, leva à ocultação identitária como estratégia de proteção.

As narrativas mostram que as experiências dessas estudantes são atravessadas por relações de gênero que produzem desconforto, competição desigual e sensação de não pertencimento, especialmente em contextos vinculados às Ciências Exatas. Maria relata: “[...] eu era a única menina [...] os meninos ficavam comparando o nível de QI [...] fiquei desconfortável por muito tempo.” (Souza, 2026, p. 55)

O relato mostra não apenas desigualdade simbólica, mas também isolamento de gênero em espaços acadêmicos marcados por lógicas competitivas.



Essa experiência pode ser compreendida a partir do conceito de violência simbólica (Bourdieu, 2002), na medida em que a exclusão não ocorre de forma explícita, mas por meio de práticas naturalizadas que produzem desigualdade. A competitividade descrita por Maria também reforça uma cultura associada ao desempenho e à racionalidade, historicamente vinculadas ao masculino (Pérez, 2006).

Larissa, por sua vez, evidencia dimensões ainda mais complexas: “[...] tive professores que eram meio misóginos [...] pensei: vou fazer uma faculdade passando por isso tudo?” (Souza, 2026, p. 105). No caso de mulheres com AH/SD, tais experiências podem ser ainda mais tensionadas, uma vez que a expectativa de alto desempenho convive com práticas de deslegitimação de sua presença. O relato revela que os espaços educacionais não são neutros, mas constituem ambientes de reprodução de normas de gênero. A experiência narrada também dialoga com estudos sobre a evasão feminina em áreas STEM, nos quais fatores como assédio, discriminação e falta de pertencimento são determinantes (Sáinz e Eccles, 2012).

Já Gato Preto destaca: “[...] acham que isso é coisa de homem [...] colocam as meninas mais na parte de embelezamento.” (Souza, 2026, p. 94). Esse trecho evidencia a divisão sexual do trabalho intelectual, na qual determinadas funções são valorizadas e associadas ao masculino, enquanto outras são desvalorizadas e atribuídas ao feminino.

Desse modo, as narrativas analisadas permitem compreender que a exclusão vivenciada por meninas e mulheres com AH/SD não se produz apenas pela ausência de reconhecimento institucional de suas potencialidades, mas também pela ação articulada de estigmas sociais, microexclusões e normas de gênero que regulam quem pode ocupar legitimamente os espaços das Ciências Exatas. A imagem restrita da superdotação, reforçada pela mídia, contribui para o silenciamento e para a ocultação identitária, enquanto as experiências acadêmicas relatadas evidenciam que o desempenho elevado não elimina barreiras de pertencimento, podendo inclusive intensificar tensões em ambientes marcados por



competitividade, misoginia e hierarquizações de gênero. Assim, mais do que trajetórias individuais, os relatos expõem mecanismos sociais e simbólicos que produzem desigualdade, mostrando que discutir AH/SD no campo da Matemática exige considerar, de forma articulada, os atravessamentos de gênero que condicionam reconhecimento, participação e permanência.

Desempenho em Matemática: entre reconhecimento e exclusão

O desempenho em Matemática emerge nas narrativas como marcador ambíguo, funcionando tanto como mecanismo de reconhecimento quanto de exclusão. Maria afirma: “[...] nunca tirei menos que 10 em exatas [...] as pessoas só começaram a ficar mais bravas.” (Souza, 2026, p. 55). Esse excerto sugere que o bom desempenho pode operar como forma de afirmação frente aos estereótipos de gênero, mas também provoca reações hostis, revelando a ambivalência do reconhecimento. Ainda, mostra uma forma de resistência frente aos estereótipos de gênero, uma vez que, como aponta a UNESCO (2018), ainda persiste a crença de que mulheres possuem menor aptidão para áreas científicas.

Gato Preto, por outro lado, apresenta uma experiência de reconhecimento: “a professora me deu um 10 [...] com uma canetinha dourada.” (Souza, 2026, p. 92). Esse gesto pode ser lido como forma de legitimação simbólica do desempenho, aproximando-se do que Bourdieu (1989) denomina capital escolar. No ensino superior, ela complementa: “[...] minhas maiores notas são em matérias de exatas [...] isso melhorou bastante meu desempenho.” (Souza, 2026, p. 92).

Esse trecho evidencia como o domínio em Matemática funciona como elemento estruturante de sua identidade acadêmica, corroborando a análise de Pérez (2006) sobre a associação entre racionalidade e valorização social. No entanto, esse reconhecimento não está dissociado da lógica de competição que estrutura o ambiente educacional, sendo, portanto, ambivalente: ao mesmo tempo que fortalece a autoestima, pode reforçar desigualdades e hierarquias.



Assim, as narrativas mostram que o desempenho em Matemática ocupa um lugar paradoxal na trajetória de meninas e mulheres com AH/SD. Ao mesmo tempo em que pode produzir reconhecimento, validação simbólica e fortalecimento da identidade acadêmica, também pode desencadear reações de incômodo, hostilidade e intensificação das disputas em contextos marcados por estereótipos de gênero. Desse modo, o bom desempenho não elimina os mecanismos de exclusão, mas evidencia a ambivalência de um reconhecimento que, embora legitime a presença dessas estudantes, permanece atravessado por normas que associam competência matemática ao masculino. As experiências analisadas indicam, portanto, que a Matemática se constitui simultaneamente como espaço de afirmação e de tensão, no qual reconhecimento e exclusão não se opõem de forma simples, mas coexistem e se reconfiguram nas relações vividas pelas participantes.

Referências

- ALENCAR, Eunice M. L. Soriano de; FLEITH, Denise de Souza. **Talento e criatividade: perspectivas internacionais**. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília: MEC/SEESP, 2008.
- CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. **Narrative inquiry: experience and story in qualitative research**. San Francisco: Jossey-Bass, 2000.
- FAUSTINO, Ana Carolina et al. **Macroinclusão e microexclusão no contexto educacional**. *Rev. Elet. Educ.* [online]. 2018, vol.12, n.3, pp.898-911. ISSN 1982-7199.
- RENZULLI, Joseph S. **What makes giftedness? Reexamining a definition**. *Phi Delta Kappan*, Bloomington, v. 60, n. 3, p. 180-184, 261, 1978.



SOUZA, Déborah Liz Rodrigues de. **Percepções de estudantes identificados com Altas Habilidades sobre o ensino superior: vislumbres e desafios.** 2026. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2026.

UNESCO. **Cracking the code: girls' and women's education in science, technology, engineering and mathematics (STEM).** Paris: UNESCO, 2018.

VIRGOLIM, Angela M. R. Altas habilidade/superdotação: encorajando potenciais/ Angela M. R. Virgolim - Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2007.